
Cobertura jornalística na guerra árabe-israelense: reflexões sobre a invisibilidade semiótica dos palestinos como nação nos jornais “Folha de São Paulo” e “The New York Times”¹

Laís Silva Guilherme²
Pablo Moreira da Silva³
Janaína Sarah Pedrotti⁴
Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT

Resumo

O estudo coloca em reflexão a cobertura dos jornais Folha de São Paulo e The New York Times sobre a guerra entre Israel e Palestina, no período entre 23 de janeiro e 23 de março de 2024. Busca-se identificar os signos semióticos nas matérias em torno do conflito, além da sua influência na criação de narrativas sociopolíticas. A pesquisa utilizou a perspectiva da semiótica peirceana, a partir da análise de 81 matérias do jornal Folha de São Paulo e, à fim de comparação, 13 publicações sobre o tema no The New York Times veiculadas no lapso temporal estudado. A repetição de termos e signos tornou-se o critério de seleção de palavras-chave, apontando para um padrão de significação. As três pontualidades encontradas são a) dualidade do conflito b) espetacularização do antissemitismo e c) construção ou desconstrução semiótica dos países enquanto nação.

Palavras-chave: semiótica; jornal; guerra; Palestina; Israel.

Introdução

Jean Baudrillard (1981), sociólogo e filósofo francês, considerado um dos principais teóricos da pós-modernidade, classifica o atual período como pós-moderno, fase na qual a realidade objetiva perde valor e prevalece a disputa de narrativas, sendo assim, quem controla o discurso hegemônico, influencia no que é tido como real.

O jornalista australiano Phillip Knightley trata sobre o contexto de cobertura de guerra e sobre o que é veiculado na imprensa em seu livro *The First Casualty* (Knightley, 1975), em um estudo desta segmentação. Na obra, Phillip retrata como o jornalismo foi usado para disseminar inverdades e aborda sobre as influências que obstruem relatos verdadeiros. O autor relaciona a ideia de que a primeira vítima na guerra sempre é a verdade, revelando a complexidade e interesses geopolíticos que envolvem conflitos bélicos.

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior - da 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 5º Semestre, do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, e-mail: lais.guilherme@sou.ufmt.br.

³ Estudante de Graduação, 5º Semestre, do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, e-mail: 2004pabblo@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho e professor do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, e-mail: janaina.pedrotti@ufmt.br.

Desta forma, para uma análise sobre os signos usados pela imprensa na cobertura da guerra árabe-israelense, traz-se uma síntese do contexto histórico e das tensões que envolvem a formação social da região envolvia.

A razão do conflito é complexa e não provém apenas de uma disputa territorial, mas também racial. O livro *A Limpeza Étnica da Palestina* (2012), do historiador israelense Ilan Pappé, registra a intenção sionista de acabar com a etnia árabe em 1948.

Os confrontos com as milícias palestinas locais, especialmente depois da resolução de partição por parte da ONU em novembro de 1947 forneceram o contexto perfeito e pretexto para implementar a visão ideológica de uma Palestina etnicamente limpa. [...] O plano, decidido em 10-3-1948, e, sobretudo, sua aplicação sistemática nos meses seguintes, foi um caso claro do que é agora conhecido como uma operação de limpeza étnica. (Pappé, 2012).

Metodologia

A pesquisa analisa as significações inseridas na cobertura jornalística dos jornais *A Folha de São Paulo* e *New York Times*, veiculadas em suas plataformas digitais, nos veículos impressos e em suas agências de notícia, sobre a cobertura jornalística do conflito, na contemporaneidade. De forma específica, neste artigo científico, procura-se investigar a cobertura da guerra entre Israel e Palestina, verificando os signos utilizados para retratar os dois países como nação e a relação entre ambos. A amostra da pesquisa é constituída por 81 matérias veiculadas na *Folha de São Paulo* e 13 no *New York Times*, no lapso temporal entre 23 de janeiro de 2024 a 23 de março de 2024.

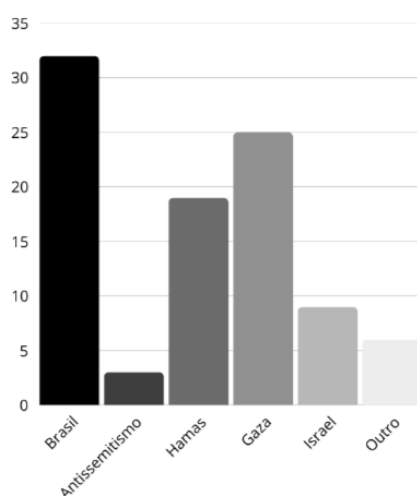
A perspectiva teórica que conduziu o estudo é a semiótica peirceana, em que a semiose é o estudo dos fenômenos culturais considerados como sistemas de significação. Essa significação se dá através dos signos, os quais são definidos pelo cientista e filósofo Charles Pierce (*apud* Santaella, 2017, p.12) como parte ou totalidade da representação de um objeto, desencadeando um novo signo. O objeto, quando é acompanhado de um signo – de forma recorrente – tendo ou não ligação física com este objeto, abre espaço para a criação de um Ícone, Índice ou Símbolo.

O Ícone não tem qualquer conexão dinâmica com o objeto que representa, simplesmente acontece que suas qualidades se assemelham as do objeto e excitam sensações análogas na mente para a qual é uma semelhança [...] O Índice está fisicamente conectado ao seu objeto: formam ambos, um par orgânico, porém a mente interpretante nada tem a ver com esta conexão, exceto o fato de registrá-la depois de ser estabelecida. O Símbolo está conectado a seu objeto por força da ideia da mente-que-usa-o-símbolo, sem a qual essa conexão não existiria. (Peirce, 2003, p.73).

A semiótica tem como premissa filosófica a fenomenologia, buscando na essência fenomenológica as categorias da percepção de todo e qualquer fenômeno, chegando no conceito de tríade semiótica na composição dos signos, que são sentidos em um primeiro (Primeiridade), segundo (Secundidade) e terceiro. Nesta, encontra-se a Terceiridade, que envolve a interpretação do objeto. Neste conceito, está contido o interpretante; em síntese, é a ideia do signo por detrás do objeto. “Um signo, ou representâmen, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se para alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido” (Peirce, 2003, p.46).

Com base nos conceitos e fundamentos do campo semiótico citados anteriormente, o artigo inicia o estudo dos signos em relação aos seguintes objetos: palestinos e israelenses. Os conteúdos foram analisados buscando os significados gerados através das notícias envolvendo a temática estudada. Em uma segunda fase da análise, buscou-se identificar um padrão repetitivo de determinados signos.

Figura 1 – Repetição dos signos relacionados à guerra



Fonte: Elaboração do autor

O gráfico demonstra a quantificação da evocação de significados a partir das repetições de termos que apontam para significações que serão analisadas. Essas palavras foram eleitas por estarem em destaque, seja no título do conteúdo jornalístico, no *lead* da matéria, ou por terem centralidade dentro da narrativa jornalística. Por exemplo, "Gaza" é um termo que se repete em grande porcentagem das matérias; dessa forma, a partir da repetição, torna-se um termo relevante na cobertura.

Análise da cobertura

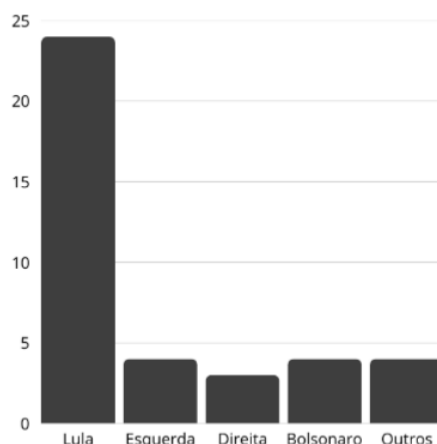
A análise semiótica buscou refletir a partir do agrupamento de signos identificados na cobertura jornalística estudada, pela identificação das constelações de sentidos gerados que trazemos para reflexão: a) uma ideia, implícita, de dualidade envolvida no conflito, exposta pela relação ideológica dos personagens envolvidos; b) espetacularização do antissemitismo e c) outro interpretante gerado está relacionado ao conceito de nação sempre quando aparece o signo Israel e, em paralelo, a desconstrução sónica dos palestinos enquanto nação, aparecendo atrelados ao grupo Hamas ou apenas como Faixa de Gaza.

Crise diplomática e dualidade

O presidente Luis Inácio Lula da Silva em uma entrevista na Etiópia, na 37ª Cúpula da União Africana, fez uma comparação entre as ações israelenses com as de Hitler contra o povo judeu, uma afirmação que desencadeou em duras reações no Ocidente coletivo, gerando uma crise diplomática com Israel. A Folha de São Paulo explora até a exaustão a crise diplomática, deixando em segundo plano a guerra árabe-israelense. Do total de 81 matérias, 32 são direcionadas à crise diplomática no Brasil. Em todas estas matérias, o signo “Lula” redireciona a guerra às questões políticas brasileiras. Por conseguinte, é significado dois polos: o primeiro sendo da esquerda política conjecturada aos palestinos, e, no segundo, está uma direita conservadora, aglutinada aos israelenses. O primeiro polo é gerado com as narrativas jornalísticas sobre a crise diplomática. O segundo polo é exemplificado no título do noticiário: “Bolsonaristas dizem que vão pedir impeachment de Lula por fala sobre Israel” (Bragon, 2024). Os signos “bolsonaristas”, “Lula”, “impeachment” e “Israel” potencializam a bipolaridade política entre os partidos, apropriando-se da guerra.

O gráfico a seguir quantifica os signos das matérias sobre a bipolaridade política no Brasil, buscando englobar como “esquerda” e “direita” os símbolos relacionados a eles. Como exemplo, toma-se o termo “bolsonaristas”, classificada na categoria do signo “direita”.

Figura 2 – Repetição de signos da crise diplomática brasileira



Fonte: Elaboração do autor

Espetacularização do antissemitismo

Evidencia-se a frequente evocação dos símbolos de intolerância judaica (antisemitismo), abrandando e justificando as ações militares de Israel na guerra contra os palestinos. Isto fica ilustrado na linha fina do noticiário: “Atacado e ameaçado de extinção, Israel responde com dureza e desperta velho e novo antissemitismo” (Rabinovici, 2024). Os signos “atacado” e “ameaçado” estão relacionados à ideia de violação palestina à Israel, enquanto a hostilidade de Israel contra Palestina é minimizada com o signo “antissemitismo”. A espetacularização feita sobre o antissemitismo deixa em segundo plano um contexto histórico de intolerância e segregação sionista contra o povo palestino.

Israel e Palestina enquanto nação

As narrativas jornalísticas potencializam o interpretante de Israel enquanto nação em paralelo há uma invisibilidade signica dos palestinos enquanto uma nação, fabricando-se a ideia de um conflito baseado em dualismo entre bem (Israel) e mal (palestinos). Isto é apontado por três enfoques.

O primeiro ponto que solidifica este ícone é a ênfase no signo “Hamás”, atribuído ao terrorismo, direcionando o conflito entre Israel e Hamás. A notícia “Economia de Israel encolhe 20% desde o início da guerra contra Hamás” (Ivanova; Zilber, 2024) exemplifica o signo “Hamás” colocado como representação do povo palestino.

No segundo ponto, o signo é “Gaza”. O signo “Gaza” vela o signo “Palestina” e, conseqüentemente, deixa de ser retratado como pertencente a um Estado; por exemplo, em: “Lula compara a ação de Israel em Gaza á de Hitler contra judeus” (Machado, 2024).

A terceira pontualidade consiste em uma comparação hipotética, relacionando duas ofensivas militares. Os acontecimentos citados resultaram em 1,2 mil mortes de israelenses, no dia 07 de outubro de 2023, em Gaza, e a ofensiva de cem dias de Israel, com 25 mil palestinos mortos. Para fazer a comparação, pela desproporção real do número de mortes, o jornalista enviesa o texto criando a possibilidade de que se os ataques tivessem a mesma duração, o número de mortes israelenses seria bem superior.

Em 15 horas dentro de Israel, o Hamas matou 1.200 israelenses. Em 2.400 horas, ou cem dias, dentro da Faixa de Gaza, Israel matou cerca de 25 mil palestinos [...] Se Israel mantivesse a sanha do Hamas em 15 horas, poderia ter matado 192 mil palestinos em cem dias. Ou muitos mais, com seu exército e aviões. Essa aritmética da insanidade mostra a selvageria do ataque dos terroristas do Hamas a aldeias e a um festival de música em Israel na fronteira de Gaza. (Rabinovici, 2024).

A sequência de signos vinculados as ações israelenses na guerra: “Israel”, “exército” e “aviões”, que simbolizam um conflito militar. Entretanto, a sequência de signos sobre as ações palestinas: “Hamas”, “sanha”, “insanidade”, “selvageria” e “terroristas”, que simbolizam um uso sistemático do terror. Portanto, o jornal abranda a quantidade de mortes palestinas, fazendo aritmética sobre uma suposição de morte em horas. Isso causa um apaziguamento e desvalorização das vítimas palestinas, mesmo que sejam mais numerosas quando comparadas com as israelenses. “Ora, o signo não é o objeto. Ele apenas está no lugar do objeto. Portanto, ele só pode representar esse objeto de um certo modo e numa certa capacidade” (Santaella, 1983, p.12).

Além disso, há um esforço na construção semiótica positiva de Israel, velado através dos signos os assuntos negativos das ações militares israelenses na guerra. Exemplifica-se isto no título da notícia: “Netanyahu pede ao Exército plano para invasão de Rafah e retirada de civis” (Reuters, 2024). O signo “Netanyahu” substitui “Israel” quando o signo negativo “invasão” aparece.

Os signos da mídia internacional

Para uma melhor contextualização com a mídia brasileira, foram analisadas 13 matérias do jornal The New York Times e sua condução ao informar sobre a guerra entre Israel na Palestina. Observou-se durante a análise três semelhanças de significação em

relação a Folha de São Paulo. A primeira semelhança é a utilização do signo Gaza ao invés de Palestina, que não relaciona o conflito a guerra entre nações: “(...) um acordo que pausaria temporariamente o conflito na Faixa de Gaza” (Israel signals a willingness to free high-profile Palestinians. The New York Times, NY, 26 fev. 2024, tradução própria). Na segunda semelhança, Hamas é significado como rival israelense; sugerindo que a guerra é contra um movimento e não contra os palestinos. A terceira semelhança consiste na associação do signo “terrorismo” aos palestinos:

O governo israelense já havia evitado tal concessão em parte porque a libertação de palestinos condenados por grandes atos de terrorismo, mesmo em troca de reféns israelenses, atrairia críticas internas significativas. (Israel signals a willingness to free high-profile Palestinians. The New York Times, NY, 26 fev. 2024, tradução própria).

Durante a análise, percebe-se o encaixe dos palestinos dentro de um espectro qualitativo, a fim de velar a desproporcionalidade na troca de reféns israelenses e palestinos. No título da notícia a seguir, foi utilizado o signo “alto perfil” para classificar a qualidade boa dos palestinos que podem ser liberados a disposição de Israel: “Israel sinaliza disposição de libertar palestinos de alto perfil, dizem autoridades” (Israel signals a willingness to free high-profile Palestinians. The New York Times, NY, 26 fev. 2024, tradução própria). Em seguida, o signo “pesadas” é associado às soldadas palestinas – qualidade negativa – por trás da discrepância nos números durante as trocas de reféns. Enquanto o signo “outras”, velou as mulheres palestinas prisioneiras de Israel: “Para cada uma das cinco mulheres soldadas israelenses em cativeiro, Israel libertaria três prisioneiras ‘pesadas’ – aquelas que se acredita serem responsáveis por grandes ataques – e 15 outras” (Israel signals a willingness to free high-profile Palestinians. The New York Times, NY, 26 fev. 2024, tradução própria).

Outra notícia descontrói a imagem dos palestinos, significando-os como opositores da paz: “Hamas rejeita proposta de cessar-fogo, frustrando esperanças de Biden de acordo de curto prazo” (Hamas rejects cease-fire proposal, dashing Biden's hopes of near term deal. The New York Times, NY, 27 fev. 2024, tradução própria).

Durante a interpretação a partir do tópico frasal, os primeiros signos são evidenciados enquanto os últimos signos são reduzidos. Ou seja, o interpretante, ao ler o título da notícia, é induzido que “Hamas” não concorda com acordo de paz. Entretanto, ao final do tópico frasal, pouco se evidencia a sequência de signos “Negócio de Curto Prazo”. Durante o texto, há uma inversão de papéis, alegando que Israel não concorda em acabar de vez a guerra.

Outro funcionário do Hamas, Ahmad Abdelhadi, disse que o grupo estava mantendo sua exigência de que Israel concordasse com um cessar-fogo de longo prazo e que os vazamentos sobre as negociações foram projetados para pressionar o Hamas a suavizar sua posição. (Hamas rejects cease-fire proposal, dashing Biden's hopes of near term deal. The New York Times, NY, 27. fev. 2024, tradução própria).

Portanto, a escolha do jornal em informar no título do noticiário signos em que os palestinos não concordariam com um acordo de curto prazo, ao invés de anunciar a negação dos israelenses no acordo de longo prazo, no tópico frasal, desconstrói o interpretante ligado ao signo “palestinos”.

Considerações finais

O estudo observou que as narrativas jornalísticas presentes em um dos maiores veículos de comunicação do Brasil empregam, repetidamente, a dualidades e antagonismos, remetendo a ideia de contrários: bem/mal, vilão/herói. Ao utilizar signos que remetem a ideia da guerra se tratar de uma nação (Israel) contra um grupo terrorista (Hamas) e a partir disso, justificam agressões israelenses enquanto repudiam com furor o “terror palestino”, esvaziando por completo o contexto histórico, religioso e político da tensão regional.

Outro viés identificado de forma repetida na análise dos signos da cobertura analisada é a relação direta do conflito com lideranças ou ideias relacionada a concepções de mundo. Desta forma, o jornal utiliza da guerra árabe-israelense como um espaço para um debate subliminar entre ideologias de direita e esquerda, acentuando o cenário da bipolaridade política brasileira, desviando o foco do verdadeiro motivo da guerra. Por fim, o jornal Folha de São Paulo ao usar signos que remetem a uma construção semiótica de Israel como uma nação, ao mesmo tempo que inviabiliza o povo palestinos, relegando sua nação à ideia de grupo terrorista, ou ao não nominar o seu governo, ou mesmo o seu país, usando termos como faixa de Gaza, estabelecem uma narrativa que inviabiliza o povo palestino. Com isso, segundo os conceitos de Jean Baudrillard, tecem uma realidade na pós-modernidade, em que prevalece o discurso evidenciado na análise.

Referências

Ao lado de Netanyahu, Trump Diz que os EUA vão ‘assumir’ a Faixa de Gaza. **Portal G1** [online]. Brasil, 4 fev. 2025. Seção: Mundo Edição. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/02/04/ao-lado-de-netanyahu-trump-diz-que-os-eua-vao-assumir-a-faixa-de-gaza.ghtml>. Acesso em: 5 jan. 2025.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Antropos, 1991.

BONIN, Robson. Itamaraty sai em defesa da Palestina e acusa Israel de violar cessar-fogo. **Revista Veja** [on-line]. Radar. Marc2025. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/itamaraty-sai-em-defesa-da-palestina-e-acusa-israel-de-violar-cessar-fogo>. Acesso em: 15 de março de 2025.

BRAGON, Ranier. Bolsonaroistas dizem que vão pedir impeachment de Lula por fala sobre Israel. **Folha de São Paulo** [online], SP, 18 fev. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2024/02/bolsonaristas-dizem-que-vaio-pedir-impeachment-de-lula-por-fala-sobre-israel.shtml>. Acesso em: 8 abr. 2024.

Declaração de Lula sobre Holocausto é antissemita, diz diplomata dos EUA. **Folha de São Paulo** [online], SP, 7 de março de 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2024/03/declaracao-de-lula-sobre-holocausto-e-antisemita-diz-diplomata-dos-eua.shtml>. Acesso em: abr. 2024.

Governo Netanyahu é obstáculo para paz. **Folha de São Paulo** [online], SP, 21 fev. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2024/02/governo-netanyahu-e-obstaculo-para-a-paz.shtml>. Acesso em: 8 abr. 2024.

Israel signals a willingness to free high-profile palestinians, officials say. **New York Times**, NY, 26 fev. 2024. Disponível em: <https://www.nytimes.com/live/2024/02/26/world/israel-hamas-war-gaza-news/israel-proposal-hostage-hamas?searchResultPosition=1>. Acesso em: abr. 2024.

IVANOVA, Polina; ZILBER, Neri. Economia de Israel encolhe 20% desde o início da guerra contra Hamas. **Folha de São Paulo** [online], SP, 21 fev. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2024/02/economia-de-israel-encolhe-20-desde-inicio-da-guerra-contra-o-hamas.shtml>. Acesso em: 8 abr. 2024.

KIM, Victoria. Número de mortos em Gaza ultrapassa 30 mil, diz Hamas; **Folha de São Paulo** [online], SP, 29 fev. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2024/02/numero-de-mortos-em-gaza-ultrapassa-30-mil-diz-hamas.shtml>. Acesso em: 8 abr. 2024.

KNIGHTLEY, P. **The First Casualty**. The War Correspondent as Hero and Myth-Maker from the Crimea to Iraq. Johns Hopkins University Press, 2003.

MACHADO, Renato. Lula compara a ação de Israel em Gaza á de Hitler contra judeus. **Folha de São Paulo** [online], SP, 18 fev. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2024/02/lula-compara-acao-de-israel-em-gaza-a-de-hitler-contra-judeus.shtml>. Acesso em: 8 abr. 2024.

MAGNOLI, Demétrio. Esquecer de Auschwitz?. **Folha de São Paulo** [online], SP, 26 jan. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/demetriomagnoli/2024/01/esquecer-auschwitz.shtml>. Acesso em: 8 abr. 2024.

ONU, Resoluções da Assembleia Geral da. **Resolução nº 181/1947**, 29 de novembro de 1947. Disponível em: https://ecf.org.il/media_items/498. Acesso: abr. 2024.

PAPPÉ, I. **A Limpeza Étnica da Palestina**. Sundermann, 2012.

PEIRCE, C. **Semiótica**. Editora Perspectiva, 2010.

RABINOVICI, Moises. O terror glorificado. **Folha de São Paulo** [online], São Paulo, jan. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2024/01/o-terror-glorificado.shtml>. Acesso em: 8 abr. 2024.

REUTERS. Corpo de palestina de 6 anos que ficou sob fogo israelense é achado após 12 dias. **Folha de São Paulo** [online], SP, 10 fev. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2024/02/corpo-de-palestina-de-6-anos-que-ficou-sob-fogo-israelense-e-achado-apos-12-dias.shtml>. Acesso em: 8 abr. 2024.

REUTERS. Netanyahu pede ao Exército plano para invasão de Rafah e retirada de civis. **Folha de São Paulo** [online], SP, 9 fev. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2024/02/netanyahu-pede-a-exercito-plano-para-invasao-de-rafah-e-retirada-de-civis.shtml>. Acesso em: 08 abr. 2024.

SANTAELLA, L. **O Que é Semiótica**. Primeiros Passos. Brasiliense, 1983.